



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

Ano 1, Vol. I, Número 1, Jul-Dez, 2017, p. 260-284.

A ROUPA E A MODA: RETROSPECTIVA HISTÓRIA

Livia Brasileiro Lima

Tania Suely Azevedo Brasileiro

Resumo: O texto aborda sobre a roupa e a moda desde a perspectiva histórica da indumentária humana. É uma revisão de literatura que apresenta as características e importância que a vestimenta assume ao longo da história das sociedades e como a moda revela um pouco do que somos ou queremos nos mostrar ao outro.

Palavras chave: Moda. Roupa. Indumentária. Abordagem histórica

Resumen: El texto aborda acerca de la ropa y la moda desde la perspectiva histórica de la indumentaria humana. Es una revisión de la literatura que presenta las características y importancia que la vestimenta assume en el curso de la historia de las sociedades y como la moda revela un poco del que somos o queremos mostrar nos al otro.

Palabras llave: Moda. Ropa. Indumentaria. Abordaje histórica.

A roupa, também chamada de vestuário ou indumentária, através de suas formas, cores e texturas, consegue transparecer sentimentos, movimentos, vida, estética, posição social, épocas e lugares. Atualmente, é considerada, na maior parte do mundo, indispensável pela maioria das pessoas, especialmente em lugares públicos, como resultado da ética humana e dos valores sociais impostos pela sociedade durante sua história.

Desde os primitivos o ser humano se comunica através da roupa, ela pode transmitir inúmeras interpretações, é a primeira forma de comunicação que uma pessoa possui com outra. Antes mesmo de falar qualquer coisa, o indivíduo é avaliado pelo seu vestir, permitindo muitas vezes a identificação de sua idade, sexo e classe social. É

possível também distinguir culturas e religiões, e identificar importantes informações sobre o seu trabalho, personalidade, gostos e estilos, entretanto, estas podem ser verdadeiras ou não. Apesar de possuir diversas funções como: proteção, pudor, enfeite, distinção cultural, religiosa e social, a roupa representa, acima de tudo, um traço da individualidade de quem a usa, sendo ela a primeira a informar quem somos, ou quem queremos ser. Assim, neste texto faz-se uma abordagem histórica da moda através da representação que a indumentária passa a ter na vida das pessoas.

Não se sabe bem ao certo como o ser humano começou a utilizar-se da roupa, e com quais intenções. Alguns estudiosos acreditam que na Pré-história as tribos tornaram-se nômades em busca de alimento, e com suas deslocções para outras terras se depararam com mudanças climáticas. Foi para suprir a necessidade de proteção, principalmente do frio, que o ser humano passou a se vestir. Porém, as roupas também eram utilizadas como forma de adorno, prestígio e para retratar mitos e crenças.

Essas roupas eram feitas de peles de animais, caçados para a alimentação, e eram amarradas ao corpo. Também utilizava adornos como colares de pedras coloridas ou enfeites com dentes, garras e peças feitas de ossos. No início, as roupas cobriam poucas partes do corpo e dificultavam os seus movimentos. Com o tempo, as técnicas de fabricação melhoraram, permitindo a produção de peças mais elaboradas.



Figura 1- Indumentária nômade

Fonte: http://leondenishistoriaegeografia.blogspot.com/2010_05_01_archive.html

(Acesso em 07/11/10)

Avançando um pouco na história observa-se o momento no qual com a fixação do ser humano ao solo, deixando de ser nômade, ele passou a se estabelecer na criação de gado e na prática da agricultura; a partir de então as roupas passaram a ser confeccionadas de fibras naturais tecidas, como a lã e o linho, proporcionando, posteriormente, com a tecelagem, um avanço nas técnicas de produção da indumentária.

Muito do que se sabe dos estilos da indumentária dos povos da Antiguidade, que se iniciou há cinco mil anos atrás e durou até 400 a.C., foram desvendados de estátuas, desenhos e pinturas em vasos e paredes. Poucas roupas resistiram aos efeitos do tempo e às mudanças climáticas.

Com relação à civilização Mesopotâmica, a mesma se encontrava situada entre dois rios, Eufrates e Tigre, por volta do IV milênio a.C. Na indumentária local eram utilizados saíotes chamados de *kaunaké*, e eram confeccionados com pelo de animal. Os dos homens eram mais curtos, mostrando as panturrilhas, muitas vezes o torso ficava nu. Já as mulheres utilizavam seus saíotes longos e cobriam o colo. O tecido mais utilizado era o algodão, além do linho e da lã; com o passar do tempo tiveram acesso à seda chinesa. “A suntuosidade das roupas e seus complementos, como normalmente em qualquer outra cultura, indicava a posição de prestígio do usuário”. (BRAGA, 2007, p. 20).



Figura 2- Kaunaké, indumentária dos povos mesopotamicos

Fonte: <http://paulasauruss.blogspot.com/2010/01/historia-da-moda-mesopotamia.html>

(Acesso em 07/11/10)

Já os Egípcios, civilização que também se encontrava à beira de rios, possuía uma indumentária bem mais suntuosa, era um verdadeiro diferenciador social. Os tecidos e a forma como eram elaboradas as roupas modificavam-se de acordo com a hierarquia social, os acessórios também diferenciavam as classes sociais. Segundo Braga (2007, p. 20): “nobres e mais privilegiados se diferenciavam em opulência daqueles de classes sociais menos favorecidas materialmente, que, muitas vezes, andavam nus”. As vestimentas típicas da indumentária egípcia eram o *chanti*, como uma saia, usada por homens e o *kalasíris*, o traje da classe alta, do faraó e sua corte, que era uma túnica longa ornamentada com ouro e pedras preciosas, usada tanto por homens quanto por mulheres. Alguns poucos egípcios usavam sandálias, mas a maioria andava descalço. O tecido mais utilizado era o linho, porém, também faziam uso do algodão. Já as fibras derivadas de animais nunca eram utilizadas, pois eram consideradas impuras. Ver figura 3, a seguir.

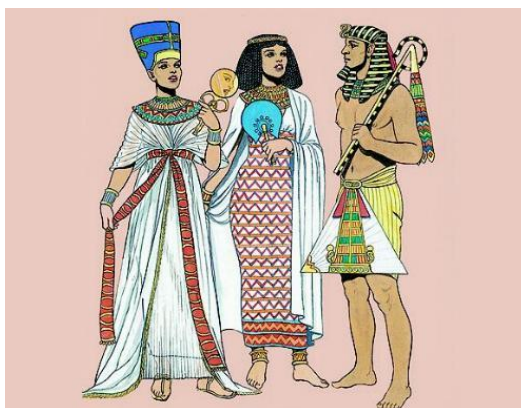


Figura 3- Chanti e Kalasíris, indumentária egípcia

Fonte: <http://sobreegipto.com/2008/12/05/la-moda-en-el-antigo-egipto>

(Acesso em 07/11/10)

Na Grécia, cultura que teve seu apogeu entre os séculos VII e I a.C., a principal característica de sua indumentária eram os drapeados, elaborados e marcantes. A peça mais comum era o *quítton* (figura 4), criado a partir de um retângulo de tecido, feito de linho, preso nos ombros e debaixo dos braços por broches ou agulhas de nome *fibula* e amarrado na cintura por um cordão ou cinto, sendo uma das laterais fechada e a outra aberta. Podia ser confeccionado em diversas cores. Os dos homens eram longos somente para momentos cerimoniais, e curtos para o dia-a-dia; e os das mulheres eram sempre

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

longos. Os materiais mais utilizados para sua elaboração eram o linho e a lã artesanal e, em algumas ocasiões, a seda. Eles também usavam trajes complementares: a *clâmede*, um manto curto, feita com lã grossa considerada uma roupa militar, e o *himation*, roupa civil, mais ampla e usada em tempos frios. Já as mulheres usavam o *peplo*, manto mais longo que chegava até os pés.



Figura 4- Quítón, indumentária grega

Fonte: <http://vepocket.blogspot.com/2010/08/roupas-1-parte.html>

(Acesso em 07/11/10)

Já a indumentária romana foi fortemente influenciada pelo vestuário grego, sua peça característica foi a toga, que indicava a posição social de quem a vestia; quanto maior fosse mais prestígio a pessoa tinha, as cores também ajudavam na distinção. Os romanos usavam a túnica e por cima a toga, de formato semicircular que favorecia os drapeados. Era feita de linho ou lã, e cobria todo o corpo. Pessoas mais simples normalmente utilizavam só a túnica. Segundo Braga (2007, p. 29), as roupas de guerra eram compostas por uma túnica curta, um saiote, uma couraça, um escudo de metal que protege o peito e uma bota fechada chamada *calligae*. Era comum entre as mulheres o uso de uma *stola* por cima de suas túnicas, e a peça correspondente à toga era denominada de *pella*, e se diferenciava da masculina pelo seu formato retangular. Na página seguinte, ilustramos na figura 5 uma *Toga* romana.



Figura 5 - Toga romana

Fonte: <http://www.laguia2000.com/edad-antigua/roma/vestimenta-romana>

(Acesso em 07/11/10)

“O ano de 476 marcou a queda do Império Romano do Ocidente, terminando assim o período da Idade Antiga e dando início ao da Idade Média”. (BRAGA, 2007, p. 30). A principal causa para a queda desse grande império foi a invasão dos povos bárbaros no território de Roma. Esses povos habitavam regiões onde o frio era intenso, por isso utilizavam muito a lã para confeccionar suas roupas. Outros materiais utilizados eram: o linho, o cânhamo, o couro e o algodão. Os homens vestiam-se com túnicas mais curtas, de couro ou tecido, junto com calções curtos que se chamavam *braies*, ou podiam ser usadas calças longas, presas no joelho por pedaços de tecido e na cintura com um cinto de couro. Por cima, eles usavam um manto grosso, que podia ser de couro ou pele de animal, preso por broches ou alfinetes. As mulheres usavam uma camisa de linho por baixo de uma túnica longa, presa por broches e atadas ao corpo por cintos, que possuíam fivelas ocas para guardar seus pertences e, por cima, se cobriam com um xale.

Braga (2007, p. 32) descreve que “Roma estava enfraquecida e a capital do Império foi transferida para uma antiga colônia grega situada no Bósforo, que se chamava *Bizâncio* e cuja capital passou a se chamar Constantinopla.” O apogeu da cultura bizantina ocorreu por volta do século VI. Foi o momento, na história da indumentária, que as roupas civis mais se aproximaram a religiosa. O principal tecido utilizado foi a seda, com uso



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

exclusivo a pessoas da corte. As roupas ainda eram bordadas com fios de ouro e prata, pérolas e pedras preciosas, refletindo todo o luxo e riqueza de quem as usava.

Outros materiais também eram utilizados, como a lã, o algodão e o linho. Além dos tecidos, as cores também eram um diferenciador social, usadas pelos mais favorecidos materialmente. A indumentária era muito semelhante para ambos os sexos, era composta basicamente de túnicas com mangas longas até os punhos, e mantos presos com broches ou fivelas, sua principal função era cobrir-se por pudor, pois sua civilização possuía grande influência religiosa.

Os centros urbanos, que passavam por grandes crises econômicas; a decadência do comércio, devido aos baixos rendimentos; o declínio da autoridade centralizada; e o deslocamento para o campo fez aparecer um novo sistema político-econômico associado a um senhor e suas respectivas propriedades rurais. Assim surgiram os feudos. (BRAGA, 2007 p. 35)

Nesse período da história, os tecidos e ornamentos eram a principal diferença para as distintas classes sociais, os mais favorecidos chegavam a usar até a seda. Já o corte era praticamente o mesmo. Outra distinção social para roupas é a técnica de costura e acabamento, utilizada na sua produção, a quantidade de tecido e as cores.

Os homens utilizavam a *gonelle*, um tipo de túnica presa ao corpo por um cinto, que quando mais longa maior era o *status* social de quem a vestia. Por baixo eram usados os *braies*, calções de diferentes comprimentos amarrados nos joelhos com tiras de tecidos. E por cima da túnica havia uma capa semicircular presa por broches sobre os ombros, podendo ser forrada de pele para dias mais frios.

As mulheres usavam a *stolla*, túnica feminina com ou sem mangas, vestidas pela cabeça e presa por broches nos ombros e na cintura por cintos. Sobre os ombros usavam um lenço chamado de *palla* e um manto que chegava até o comprimento da própria túnica.



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

Se a Alta Idade Média europeia correspondeu a um período associado ao campo, ao feudalismo por excelência, e de poucos recursos econômicos, o momento seguinte, o da Baixa Idade Média, caracterizou-se de maneira diferente [...] O retorno a vida citadina foi igualmente de significativa importância para a Igreja [...] surgiu o estilo gótico, imponente, urbano e verticalizado [...]. A Igreja sobrepunha-se a tudo, inclusive os próprios monarcas estavam abaixo do Sumo Pontífice na escala social. (BRAGA, 2007 p. 37-38)

A partir desse período as roupas começaram a apresentar peculiaridades entre as diversas cortes europeias. Passaram a delinear um pouco mais o corpo, para as mulheres foi uma grande mudança; as roupas eram justas por causa dos corpetes nos vestidos, com mangas longas e abertas na altura do punho, as saias eram mais amplas e volumosas que iam até os pés e o uso de véu também era constante. Já a indumentária masculina começou a se encurtar. Ela era composta por meias, de lã ou linho, muito vezes coloridas, calções cada vez menores chamados de *braies* e as túnicas se adaptaram e encurtaram até se transformarem no *gibão*.

Nesse período, as roupas passaram a ser confeccionadas em alfaiates, os nobres para se distinguir das cópias da nova classe social endinheirada, passaram a criar um ciclo de criação e cópia, e assim surgiu o conceito de moda. “[...] uma vez que os nobres locais se incomodavam com as cópias de suas roupas por uma classe social mais abastada, os burgueses” (BRAGA, 2007, p. 40). Ou seja, os nobres inovavam sempre suas roupas para que não fossem iguais às roupas da burguesia.

O Renascimento é o primeiro grande movimento de resgate à cultura urbana, começou em Florença, na Itália, até se espalhar por toda a Europa. Com o crescimento do comércio e da indústria o mercado têxtil sofreu um grande avanço, e começaram a surgir tecidos requintados como a seda, o cetim, os brocados e o veludo. De acordo com Braga (2007), as cortes europeias já estavam bem estabelecidas e existiam pequenas diferenças em sua maneira de vestir, mas, de uma maneira geral, apesar das peculiaridades, a moda teve certa similaridade, pois um povo acabava influenciando o outro.

A roupa característica para os homens era o *gibão*, podendo ou não ter mangas, corresponderia atualmente ao paletó. A *jacket*, uma túnica grande aberta na frente, era usada sobre o *gibão*, e a peça inferior eram os calções bufantes que se encurtaram, combinadas com meias coloridas. O decote acentuado foi usado por ambos os sexos, principalmente pelas mulheres, e com a evolução do efeito do acabamento próximo ao pescoço, surgiu o rufo, uma gola alta com pregas, que também era sinônimo de poder aquisitivo. Com o passar do tempo a gola diminui seu tamanho e passou a ser chamada de gola *Médici*.

A moda feminina variava muito, e também se diferenciava de acordo com a nacionalidade. Porém era comum o uso do *vertugado*, um vestido duro na parte superior e com saia cônica que limitava os movimentos do corpo, as mangas desse vestido normalmente eram longas, largas e pendiam, muitas vezes, quase até o chão. Com o passar do tempo, a moda feminina ganhou um ar de sedução ao começar a evidenciar o colo com o decote e também a cintura com o uso do corpete.

A seguir, ilustramos na figura 6 a indumentária feminina renascentista.



Figura 6– Indumentária feminina renascentista

Fonte: <http://cabidee.blogspot.com/2010/05/historia-da-indumentaria-renascimento.html>

(Acesso em 12/11/2010)



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

Após o período do Renascimento começa o Barroco, nesse momento da história cada corte tinha suas características e seus modismos. Porém, de uma forma geral podemos citar algumas peças que foram referências usadas em várias dessas cortes. Alguns dos itens masculinos foram: o *gibão*, que agora era usado maior e mais amplo; os *culottes*, que também se alargaram e chegaram até a altura dos joelhos, e as rendas, usadas tanto por homens como por mulheres em diferentes locais da indumentária. Os *rufos* já não eram mais usados, e se transformaram no *cabeção*, gola engomada, normalmente de renda. Já as mulheres usavam uma sobreposição de anáguas sob uma saia mais arredondada.

“A partir de 1660, a corte de Versalhes começou, de fato, a se impor para o restante da Europa com os novos padrões sociais, criando boas maneiras, etiqueta, modos e, principalmente, moda.” (BRAGA, 2007, p. 49). A partir daí houve uma maior valorização da indumentária masculina, que se desenvolveu mais que a feminina, as roupas começaram a ficar mais justas, o *culote* tornou-se bem mais largo e comprido, chegando até os joelhos, com um complemento geral, a *casaca*. A moda feminina também refletia todo esplendor - mulheres usavam camisas com decotes marcados e mangas até o cotovelo, as cinturas finas pelo uso do corpete e os tecidos eram luxuosos e brilhantes.

As artes evoluíram do Barroco para o Rococó, que teve seu início em solo francês. Se o Barroco já foi um exagero, o Rococó pode ser considerado ‘o exagero do exagero’. [...] privilegiou valores ornamentais e decorativos e toda essa opulência e luxo foram transportados para a moda. (BRAGA, 2007, p. 51).

Elegância, alegria, frivolidade e exuberância foram alguns dos elementos de estilo do período do Rococó. As roupas ficaram mais fáceis de vestir do que as do período anterior. Os volumes permaneciam nas saias, com o uso das barbatanas de baleia. A maquiagem era pesada e a flor foi o principal adereço utilizado. A renda permanecia em vigor para punhos e mandas das camisas, os corpetes estavam mais justos e os decotes eram quadrados. As saias podiam ser abertas na frente, revelando uma sobre-saia toda adornada. A moda masculina era composta pelo *culotte* justo até os joelhos, camisa, colete, normalmente todo trabalhado, casaca, meias brancas e sapatos de salto. A seguir ilustramos na figura 7 um exemplo de indumentária feminina no período do Rococó.



Figura 7– Indumentária feminina do período do Rococó

Fonte: <http://cabidee.blogspot.com/2010/05/historia-da-indumentaria-rococo.html>

(Acesso em 12/11/2010)

Revoltados com a divisão hierárquica francesa, os burgueses junto aos trabalhadores rurais fizeram uma revolução, mais conhecida como Revolução Francesa, por volta de 1789. Para Braga (2007, p. 56): “a História Ocidental viveu um grande momento de mudanças sociais. O processo foi gradual, contudo, deu-se início a um novo momento histórico: o começo da Idade Contemporânea”.

Quando falamos de moda no século XIX podemos dividir em quatro períodos distintos: Império, Romantismo, Era Vitoriana e *La Belle Époque*.

“Após a Revolução, a moda começou a passar por um processo de significativa mudança até atingir a identidade daquela que seria verdadeiramente a moda Império.” (BRAGA, 2007 p. 56). As roupas passaram a ser mais práticas e principalmente confortáveis. Sai de cena o exagero, e com a influência inglesa as roupas masculinas adquiriram sobriedade. O casaco passou a ser o do tipo inglês de caça, junto com botas, golas altas e lenços no pescoço compunham o guarda-roupa dos homens. As mulheres

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

também simplificaram suas roupas, com influência que vinha especialmente do campo. Toda a opulência foi substituída por um vestido simples, semelhante a uma camisola solta de cintura alto, logo abaixo do seio, normalmente branca e de tecidos como a *mousseline* ou a *cambraia*. Ver figura 8, a seguir.



Figura 8– Moda Império

Fonte: <http://cabidee.blogspot.com/2010/05/imperio-nesse-momento-moda-sera.html>

(Acesso em 12/11/2010)

Entre o período do Império e o Romantismo houve o período chamado de Restauração. Nele a moda feminina não teve muita identidade, os vestidos passam a ser mais ornamentados, os decotes subiram e as mangas ficaram mais longas e justas com uma parte bufante na altura da cava. Porém a moda masculina estava a todo vapor. Surge na Inglaterra um estilo chamado “dandismo”, mais que uma moda foi uma maneira de ser, um modo de vida. Foram à distinção e a sobriedade que se tornaram marca da moda masculina na época. As roupas não possuíam nenhuma ruga nem vincos, sempre justas e acompanhadas de cartola. Essa moda perdura durante o período do Romantismo e a roupa masculina não sofre alterações. Já a moda feminina buscou referências no passado. Nesse período, tanto o preto como outras cores fizeram parte do guarda-roupa feminino, inclusive o uso de estampas, especialmente flores ou listras. Os vestidos voltaram a ser marcados na cintura pelos corpetes, as saias ganharam volume cônico com o uso das anáguas. As

mangas eram mais bufantes, e passaram a ser chamadas de mangas presunto. Na mesma época, um pouco depois, a saia sobe o comprimento e aparece o decote canoa e o aspecto de ombros caídos.



Figura 9 – Moda do período do Romantismo

Fonte: <http://cabidee.blogspot.com/2010/05/historia-da-indumentaria-romantismo.html>

(Acesso em 12/11/2010)

A Era Vitoriana começa na segunda metade do século XIX, foi marcada pelo uso de crinolinas, tecido fino feito de crina de cavalo e algodão ou linho. As saias continuaram armadas, obtendo volumes enormes com o uso de uma armação de aros de metal, chamada de *cage* . Os decotes ficaram cada vez mais profundos.

É nessa época, na França, que surge o conceito de alta-costura, com a criação da primeira *Maison* por Charles Worth. Acontece também a invenção e o uso da máquina de costura, era o período da alta-costura para a moda feminina. E para o homem surge a roupa de trabalho.

De acordo com Braga (2007, p. 64): “O homem passou a ficar cada vez mais sóbrio e sério em relação às suas roupas, e a mulher cada vez mais enfeitada, mostrando o poder financeiro da figura masculina da qual ela era dependente”. O final do período vitoriano evidenciou muito a cintura marcada em vestidos com caudas.



Figura 10– Moda da Era Vitoriana

Fonte: <http://cabidee.blogspot.com/2010/05/era-vitoriana-apos-um-periodo-em-que.html>

(Acesso em 12/11/2010)

A *Belle Époque* é o quarto e último estilo do século XIX, que corresponde à última década do século XIX, a primeira do século XX e o princípio da década de 1910, até antes do início da Primeira Guerra Mundial. Teve como principais formas as curvas, tanto na arte quanto na moda, e foi chamada de *Art Nouveau*.

A forma feminina era a de uma ampulheta, ombros bem marcados, cintura fina e quadril largo. Tudo definido pelo espartilho bem apertado e as saias que continuavam volumosas. As golas eram altas e as mangas longas, deixando a vista somente a face e as mãos, quando estas não estavam com luvas. Mais próximo ao século XX, as roupas começaram a se masculinizar um pouco, pelo hábito da prática de esportes, quando a mulher passou a usar uma peça parecida com um calção, fofo e bufante. Foi nesse mesmo período que surgiu o *tailleur*, conjunto composto por uma saia e um casaco do mesmo tecido.



Figura 11– Moda na Belle Époque

Fonte: <http://cabidee.blogspot.com/2010/05/historia-da-indumentaria-la-belle.html>

(Acesso em 12/11/2010)

Foi também na *Belle Époque* que começou uma moda própria para crianças, pois antes as roupas infantis eram miniaturas exatas das roupas adultas. A roupa que teve mais destaque na época foi a de marinheiro, devido ao lazer dos banhos de mar. Na moda masculina não houve mudanças significantes. A principal forma de diferenciação entre classes era a roupa de alta-costura, que por sua vez contava com nomes como Worth, Jacques Doucet e John Redfert.

Os anos 10 foram marcados principalmente pela Primeira Guerra Mundial, de 1914 a 1918. Com a ausência masculina no mercado de trabalho, a mulher passou a ocupar os espaços masculinos, e assim começou a emancipação feminina, uma necessidade durante a guerra que se tornou um hábito depois dela. Ainda no período da *Belle Époque*, Paul Poiret, um estilista francês, libertou as mulheres do espartilho, porém só se tornou moda realmente no período durante a guerra.

Uma das mudanças ocasionadas pela necessidade de trabalhar foi o comprimento das saias e vestidos que encurtou até as canelas, cobertas por meias e acompanhadas de sapatos fechados (ver figura 12). A cor predominante foi o preto. O principal nome da moda nesta época foi *Coco Chanel* que inovou, criando o *tailleurs de jérsei*, malha de toque macio e sedoso e com aspecto elástico. A moda masculina permaneceu praticamente a mesma, com o uso de calça comprida, paletó, colete e gravata.



Figura 12 - Tailleurs Chanel em exposição

Fonte: <http://voguefeelings.blogspot.com/> (Acesso em 12/11/2010)

Os anos 20 foram marcados por grandes inovações na moda. Foi a primeira vez que a mulher mostrou de fato suas pernas, com saias que possuíam o comprimento logo abaixo do joelho (Ver figura 13). A silhueta em evidência na época era curta e tubular e o geométrico tomou conta dos acessórios. A mulher passou a evidenciar uma figura andrógina.

A adesão ao aspecto tubular das roupas, fossem justas ou mais amplas; a cintura deslocada para o quadril; as mangas, quando compridas, criando dois outros tubos; os achatadores de seios e as cintas que exprimiam anulando o volume dos quadris deixaram a mulher dos anos 1920 absolutamente andrógina. (BRAGA, 2007 p. 73)

O que contrastava com essa simplicidade eram as cores e estampas, o uso da maquiagem com bastante pó de arroz e a boca vermelha, além dos cabelos curtos. Os nomes da moda eram Chanel, Jean Patou, Madame Paquin, Madeleine Vionnet, Jeanne Lanvin e Lucien Lelong.



Figura 13– Moda dos anos 20

Fonte: <http://cabidee.blogspot.com/2010/05/historia-da-indumentaria-decada-de-20.html>

(Acesso em 12/11/2010)

Foi nos anos 20 que o cinema começou a ganhar importância, se tornando um grande divulgador de comportamento e influenciador na moda. O vestuário masculino mantém o mesmo aspecto com algumas novidades como o *smocking* para eventos especiais, sapatos bicolores. O colete sai de cena para dar lugar ao jaquetão, um tipo de paletó com abotoamento duplo. O aspecto de praticidade e funcionalidade também atinge a moda infantil com roupas que permitiam a criança se movimentar e brincar.

Já nos anos 30 começa em meio a uma crise, com a queda da Bolsa de Valores de Nova York, que gerou uma crise econômica mundial. A moda não refletia aspectos dessa crise, mas sim sofisticação, luxo e esplendor (Ver figura 14). O resgate da feminilidade marcou a moda desse período. O cinema estava em ascensão e as grandes atrizes de *Hollywood* ditavam a moda feminina. As saias ficaram mais longas e os cabelos cresceram, os vestidos voltaram a serem mais justos e retos, porém os cortes mais utilizados eram o *evasê* e o *godê*, com costas nuas e marcadas para os vestidos de noite. A cintura voltou a

ser marcada e os tecidos sintéticos foram muito usados. O tecido mais cobiçado na época foi o cetim.



Figura 14– Moda dos anos 30

Fonte: <http://cabidee.blogspot.com/2010/05/historia-da-indumentaria-decada-de-30.html>

(Acesso em: 12/11/2010)

Com a popularização da prática do esporte algumas novas peças surgiram como *short*, *maiôs* e *suéteres*. Os óculos escuros, usados por astros do cinema e da música, também se tornaram moda nesse período. A calça pantalonada também era muito visada. O principal nome na moda da época era o da italiana Elza Schiaparelli, que introduziu na moda conceitos da arte surrealista. A moda masculina somente sofreu alterações na largura das calças, paletós e colarinhos.

Com os anos 40, começou no início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), e com isso as roupas voltaram a se masculinizar, o destaque na moda feminina foi o uso de duas peças para qualquer momento. Saias mais justas e casacos com ombros marcados compunham o visual feminino, feitos de tecidos reutilizados ou simples, pois nessa época foram racionados. Com o término da guerra em 1945 as indústrias estavam bem

estabelecidas, principalmente a norte-americana, surge então o *ready to wear*, ou *prêt-à-porter*, uma nova maneira de produzir roupas em escala. A moda masculina não sofre alterações. Foi nos anos 40 que os jovens começaram a se vestir com maneiras próprias, identificando suas ideologias. Em 1947, o francês Christian Dior ficou imortalizado ao criar o “*New Look*”, com saias rodadas e compridas, cintura marcada, ombros e seios com medidas naturais, luvas e sapatos *scarpins* de saltos altos. Era uma visão da mulher extremamente feminina, e que iria ser o padrão dos anos 50 (ver ilustração na figura 15, a seguir).



Figura 15- New Look criado por Christian Dior

Fonte: <http://queromaismoda.blogspot.com/2010/02/christian-dior.html>

(Acesso em 12/11/2010)

Com o novo esplendor da alta-costura, a década de 1950 foi marcada pelo luxo e requinte, o “*New Look*” de Dior tornou a mulher mais feminina e glamorosa, influenciando sua estrutura neste período. “Inúmeras foram as propostas de volumes e comprimentos lançadas por ele (Dior) durante os anos 50. As saias ficavam justas ou ampliavam-se; ficavam mais retas e longas ou mantinham-se abaixo dos joelhos com volumes. As variações eram constantes” (BRAGA, 2007, p. 85). Paris continuava sendo o grande centro



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

da moda, e novos nomes surgiram para ditar as regras, Pierre Balmain, Jacques Fath, Nina Ricci, Hubert de Givenchy, Madame Grès, entre outros. Na moda masculina, que há tempos não sofria nenhuma variação, volta ao tempo lembrando as roupas do princípio do século XX, calças justas, chapéu coco e paletós compridos eram usados. O terno e a gravata também eram muito usados. Essa década foi também a do começo da influência americana na Europa, e na moda jovem, que buscava uma identidade própria, influenciados agora, também, pela televisão.

Os anos 60 foram marcados por inúmeros acontecimentos históricos que refletiram na forma de viver e pensar das pessoas. A moda da época possuía três grandes pólos lançadores de tendência, Estados Unidos e Inglaterra com uma moda mais revolucionária, e Paris sofisticada. As *maisons* francesas se espalhavam não só pela Europa, mas também em solo americano, aderindo ao *prêt-à-porter* tornando grandes criações mais acessíveis.

Alguns dos grandes ícones da moda da época eram as minissaias e os minivestidos de André Courrèges, (ver figura 16 a seguir) os cortes e formas em estilo espacial e inspiração futurística de Pierre Cardin, o tubinho de Yves Saint Laurent e as criações de placas de metal de Paco Rabanne. Já a moda masculina nesse período se transformou totalmente, deixou de usar habitualmente o terno e a gravata, para aderir às jaquetas com *zíper*, golas altas, tecidos sintéticos, botas, calças mais estreitas, além das camisas coloridas ou estampadas. O estilo que possuiu mais destaque na época foi o *hippie*, com roupas desleixadas que pareciam velhas e pobres, com detalhes artesanais, saias longas de crepe indiano e calças com bocas largas, chamadas de boca-de-sino para ambos os sexos. E o *jeans* que estava presente em: calças, saias, coletes, bolsas e acessórios. Foi nessa época, também, que surgiu a moda *unissex*.



Figura 16– As minissaias e os minivestidos, ícones da moda dos anos 60

Fonte: <http://cabidee.blogspot.com/2010/05/historia-da-indumentaria-decada-de-60.html>

(Acesso em 12/11/2010)

Foi nos anos 60 que a juventude marcou a sua posição e intervenção na moda. Esta situação foi provocada por alterações econômicas, políticas e sociais. Porém, foi a música a principal libertadora das mentalidades jovens, reprimidas durante muito tempo. Estes foram anos de diversão e de uma constante busca de identidade. Os anos 70 começam com uma grande influência *hippie* na moda. Mais adiante a moda busca inspirações no passado e surge o *New Romantic*, com saias de estampas florais, acabamentos de renda, chapéus de palha e vários acessórios românticos. Houve também a moda da mulher independente e trabalhadora, usando ternos, e saia com casaco, com uma certa masculinização. Outro estilo utilizado era o das roupas esportivas. Foi nessa década, também, que houve o lançamento do primeiro *bureaux* de estilo, realizando pesquisas e trazendo informações e tendências de moda. Surge também outro estilo na época, que foi o *glam* ou *glitter*, em que músicos se vestiam com visual excêntrico e brilhoso, carregados com botas de cano alto e salto plataforma. Paralelamente surge o movimento *punk*, e os jovens passaram a se vestir com roupas pretas, rasgadas e sujas, com correntes e cabelos moicanos. No fim da década surgem os estilistas Ralph Lauren e Calvin Klein com roupas práticas, versáteis e descontraídas.

A diversidade de estilos da moda dos anos 70 continuou difundindo-se pela década de 1980 e surgiram mais diversos grupos distintos, chamados ‘tribos de moda’, cada uma com suas características próprias. Os *punks* influenciaram os chamados góticos, ou *darks*, que misturavam romantismo e religião, se vestiam de preto com sobreposições de peças, cabelos e maquiagens escuras e mantinham a pele pálida.

O minimalismo surge em Paris, influenciado por estilistas japoneses, Issey Miyake, Kenzo, Rei Kawakubo e Yohji Yamamoto, com linhas retas, pouco tecido, e poucas cores em algumas das suas características. Em oposição a esse movimento parisiense, investiram na moda exuberante Jean Paul Gaultier e Christian Lacroix, criando uma moda cheia de cores e misturas de estampas, texturas e volumes. Já o italiano Giorgio Armani foi o principal estilista da moda *yuppie*, (Ver figura 17) que refletia os bem sucedidos jovens profissionais urbanos, que se vestiam de um jeito ‘arrumadinho’, chique e sofisticado.

Nos Estados Unidos, a maior influência foi a música *pop*, Madonna, Michael Jackson e Prince foram os principais modelos seguidos. A grande novidade da década foi a criação da microfibrã, primeiro tecido tecnológico. A moda evoluiu consideravelmente com a inserção da informatização no setor de confecção, permitindo a otimização do trabalho. Surge também a moda *retrô*, que buscava influências no passado.



Figura 17– Estilo yuppies, anos 80



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

Fonte: <http://gawker.com/381579/yuppies-new-name-same-sense-of-entitlement>
(Acesso em 12/11/2010)

O caráter de releitura na moda, forte nos anos 80, continuou também nos anos 90. “A moda estava reinventando a moda. Buscava-se inspiração na Idade Média, no Barroco, nos anos 1950 e em inúmeros outros estilos e épocas, servindo como referencial inspirador para a moda desse período” (BRAGA, 2007 p. 99). A liberdade de estilos foi o que mais marcou a moda desse período. Surge a moda *grunge*, impulsionada pelo *rock*, influenciando comportamentos, com estilo despojado de calças e bermudas largas e camisas xadrez. Na mesma época, outros estilos também surgiram, *clubbers*, *drag queens*, *cybers*, *ravers* entre outros, influenciando principalmente a moda jovem. Nessa década houve uma desfidelização com relação às tribos de moda, uma passou a influenciar a outra, a ponto destas se misturarem, gerando o conceito de “supermercado de estilos”. O *streetwear* e o *sportwear* foram amplamente difundidos. O “desconstrutivismo” desenvolvido por Martin Magiele, foi mais outra ideia da época. Também houve o início da preocupação ecológica, que também esteve presente na moda. Neste momento, a moda italiana ganha destaque com os estilistas Gianni Versace, com seus dourados, estampas arrojadas e sensualidade, e com Moschino que utilizou a irreverência e o bom-humor nos seus trabalhos.

O ponto-chave da moda nos anos 90 foi a criação de uma identidade para a marca, o conceito de suas coleções e o seu público alvo. Surgem novas profissões como o *stylist*, que colabora nas pesquisas e orienta as idéias da concepção dos produtos. O fotógrafo de moda é valorizado, trazendo inovação aos editoriais. Surgem também as Super Modelos, profissão muito cobiçada na época. A moda virou arte. Os têxteis evoluíram cada vez mais, surgindo os “tecidos-inteligentes”, que trouxeram inovações e praticidades ao dia-a-dia.



Figura 18– A diversidade de estilos que reinava nos anos 90

Fonte: <http://cabidee.blogspot.com/2010/05/historia-da-indumentaria-decada-de-90.html>
(Acesso em 12/11/2010)

No Brasil, a moda evolui e ganha prestígio, deixa de ser folclórica para se tornar, cada vez mais, globalizada. Surgem os cursos de moda, lançando estilistas nacionais para o mundo. A imprensa se especializa e cresce. Eventos, Feiras e Semanas de desfiles são promovidos, principalmente em São Paulo, o mais visado até hoje é o *São Paulo Fashion Week*, que colocou a cidade no calendário da moda mundial.

No século XXI a moda não para, continua sendo espetáculo que se reinventa dia após dia. A moda brasileira cresce ainda mais e se solidifica, destacando-se principalmente no *beachwear*. Surge na moda o conceito da customização, ou personalização, onde a pessoa interfere em sua roupa criando novas propostas e se diferenciando da cultura de massa. As releituras da moda continuam mesclando-se épocas e estilos, criando assim novos conceitos. Os nomes que estão em destaque, agora não se resumem à quatro ou cinco e sim a vários, de várias nacionalidades. Podemos dizer que a moda atual muda e se reinventa a cada minuto, tornando-se globalizada.



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

Recebido em 20/10/2017.

Aceito em 30/11/2017.

Sobre autoras e contato:

Livia Brasileiro Lima- GRADUADA EM ESTILISMO E MODA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFCE) E EM ARQUITETURA PELA UNIVERSIDADE CEUMA.

Tania Suely Azevedo Brasileiro - Pós-doutorado em Psicologia (IP/USP), Doutorado em Educação (URV/FE-USP), Mestrado m Pedagogia do Movimento Humano (UGF/RJ). Psicóloga, Pedagoga e Professora de Educação Física, Recreação e Jogos. Professora Associada IV na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA).